

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ISABELA BUMERAD

Podcast - Feminino Verso
Episódio: Quero Voltar Para Casa

São Paulo
2021

ISABELA BUMERAD

Podcast - Feminino Verso

Episódio: Quero Voltar Para Casa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito para obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientadora: Márcia Detoni

São Paulo

2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Editado pela última vez em 27/05/2021



Site:

<https://belabumerad9.wixsite.com/femininoverso>

Dedico esse trabalho para todos aqueles que
sonham em fazer a diferença no mundo

Agradecimentos:

Quero agradecer a cada um que contribuiu direta ou indiretamente a este trabalho. Primeiro a Deus, por ter me dado a bolsa que eu ganhei nessa Universidade, por me guiar em cada uma de minhas escolhas e por me ajudar a passar por mais essa jornada.

Segundo aos meus pais que nem sempre entendem minhas escolhas ou meus sonhos, mas que tentam me apoiar em cada um deles mesmo assim. Depois a cada um dos meus amigos que me ouviram chorar, gritar, me viram ter crises de ansiedade e passar noites viradas, mas que nunca me deixaram desistir.

E ao Reverendo Jorge, obrigado por me ouvir, por acreditar que valia a pena me dar a chance de ter uma bolsa para estudar nesta instituição. Sou muito grata por essa porta que me foi aberta. Também sou grata por meus pastores na Zion Church e pela Nathalia Boian que sempre me incentivou a correr atrás do que eu queria.

Também agradeço a Denise Paiero, ela foi a professora de projetos e muito embora o projeto quase todo tenha mudado desde que ela orientou, eu não teria iniciado sem a ajuda dela. A Patrícia Paixão por ouvir muitos dos meus desabafos e passar todo o amor dela pelo jornalismo em cada aula. A todos os professores do CCL, muito obrigado por me ensinarem valiosas lições em cada conversa e disciplina. Espero em breve poder encontrar cada um pessoalmente para poder dar um abraço. Agradeço ao Emerson Canoa por toda a ajuda durante a gravação, pelas dicas, pela paciência e pelo trabalho incrível na edição do podcast.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer e muito a minha orientadora, Márcia Detoni. Desde o começo sempre foi uma das minhas professoras favoritas, alguém com não só uma grande bagagem cultural e de conhecimentos técnicos, mas com vontade de ensinar e ajudar quem quisesse realmente aprender. Ela é uma grande inspiração para mim. Agradeço por toda cobrança, toda a ajuda, dicas e conversas não só durante o período do TCC, mas durante todos os anos que durou o curso. E sem ela, realizar esse podcast não teria sido possível.

*"I saw that people love to
explain away a woman's
success."*

(Taylor Swift)

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste no relatório de pesquisa que deu base ao podcast *Feminino Verso*. O produto jornalístico trata sobre a escolha da mulher que escolhe sair do mercado de trabalho e retornar ao seu lar. A base teórica que também serviu para a produção do episódio se deu por uma pesquisa a respeito do que é podcast e podcast narrativo e o que é importante ao se fazer um programa narrativo. Também foi pesquisado a respeito da história das relações de gênero, a volta das mulheres para casa e o pensamento do movimento feminista.

Palavras-chave: Podcast narrativo. Relações de gênero. Áudiojornalismo.

Abstract: This Course Conclusion Paper consists of the research report that acted as the base of the podcast *Feminino Verso*. The journalistic product deals with the choice of the woman who chooses to leave the labor market and return to her domestic settings. The theoretical basis that also served for the production of the episode was given by a research about what is podcast and narrative podcast and what is important when making a narrative program. It was also researched about the history of gender relations, women's return to the domestic environment and the thoughts of the feminist movement.

Key-words: Narrative podcast. Gender relations. Audiojournalism.

Sumário

1. Introdução	11
2. Referencial Teórico	12
2.1 Dona de casa, de fora da casa para dentro casa	12
2.2 Podcast	15
2.3 Podcast Narrativo	15
3. Apresentação da Peça	17
4. Considerações Finais	20
5. Referências Bibliográficas	23
6. Apêndices	26

1. INTRODUÇÃO

A luta feminina por igualdade de direitos, liberdade e a salários iguais, se intensificou no século XX no Brasil. No ano de 1917, pela primeira vez foi aprovada a regularização dos direitos do trabalho feminino e aprovado salários iguais. Na década de 1960 as lutas se intensificaram e outras questões entraram em pauta, "entre elas o acesso a métodos contraceptivos, saúde preventiva, igualdade entre homens e mulheres, proteção à mulher contra a violência doméstica, equiparação salarial, apoio em casos de assédio" (FAHS, 2016, S/P).

As conquistas da mulher significam liberdade de escolha tanto para ingressar no mercado de trabalho, como atuar exclusivamente dentro do lar. A definição para dona de casa é uma mulher casada ou não que tem como profissão cuidar da casa integralmente. A profissão está regulamentada na Lei 8212 (BRASIL, 1991), que garante a aposentadoria na previdência social desde que haja contribuição.

Muitas mulheres, por vezes, escolhem ficar em casa e criar os filhos, cuidar dos afazeres do lar, o que é reconhecido como trabalho para se receber uma aposentadoria. Boa parte delas é casada e tem filhos e faz essa escolha em conjunto com o marido, como um acordo entre o casal. Elas decidem que não querem deixar os filhos e passam a se dedicar a eles e a casa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca discutir a opção daquelas mulheres que desejam ser donas de casa. O tema recebeu um episódio do podcast Feminino Verso, pensado como um canal de debate das questões femininas na internet. O episódio, denominado "Quero Voltar Para Casa", conta a história de duas mulheres que decidiram largar a carreira para cuidar da família. O episódio mostra que a escolha pelo lar é tão digna quanto a dedicação ao trabalho fora de casa.

O podcast opta pelo estilo narrativo, trazendo a voz dessas mulheres, suas certezas e angústias, suas necessidades e aspirações. A volta para casa também é comentada por uma representante do movimento feminista.

O nome do episódio reproduz o título do livro da escritora francesa Christiane Collange, uma das primeiras a falar nos anos 1980 da legitimidade do desejo da mulher de ser dona de casa.

Como jovem jornalista, sinto que há espaço na mídia para discussão de temas femininos que extrapolem as pautas tradicionais do movimento feminista. Como diz a pensadora e ativista americana Camille Paglia, a mulher que escolhe trabalhar em casa não é menos importante que a mulher profissional.

Muitas feministas de minha geração se opuseram com fervor a essa tendência de as mulheres voltarem a se dedicar exclusivamente ao papel de mãe, mas eu não concordo com essas feministas. Desde o fim da década de 1960, há uma depreciação de quem quer ser mãe e mulher. Para mim, feminismo é a luta por oportunidades iguais para as mulheres. Ou seja: remover qualquer barreira que atrapalhe o avanço na educação superior e no mercado de trabalho. O feminismo deveria encorajar escolhas e ser aberto a decisões individuais. As feministas estavam erradas ao exaltar a mulher profissional como mais importante que a mulher mãe e esposa. Uma geração inteira de profissionais americanas adiou a maternidade e, quando finalmente decidiu engravidar, não conseguiu encontrar parceiro ou teve problemas de fertilidade. (BUSCATO, 2012, S/P)

Para a produção deste episódio, foi realizada uma pesquisa teórica acerca da relação da mulher com o trabalho doméstico. Foram consultados os seguintes autores: Stearns, D'Incao, Lispector, Collange, Paglia. Também foi feita uma revisão de literatura sobre o formato podcast, buscando responder às seguintes questões: Qual a diferença entre um podcast e um programa de rádio? O que é um podcast narrativo? Quais as vantagens deste formato na comunicação com o público? A pesquisa consultou os autores: Assis, Azoubel, Detoni, Guimarães, Luiz, Mizanzuki, Viana e Oliveira.

O podcast Feminino Verso conta com uma página na internet para a divulgação de seus episódios. Ele foi imaginado como um podcast semanal para discussão de temas polêmicos envolvendo a mulher, sempre utilizando o formato narrativo com o comentário de uma ativista dos direitos da mulher. “Quero Voltar Para Casa” é um exemplo dos episódios que serão oferecidos no programa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Dona de casa, de fora da casa para dentro da casa

Peter Stearns, *Histórias das Relações de Gênero* (2018, p. 31) explica que a relação da mulher com o cuidado da casa começou a ser definido “a partir dos contatos e das limitações das trocas, os sistemas de gênero - relações entre homens e mulheres, determinação de papéis e definições dos atributos de cada sexo - foram tomando forma também”.

Ainda de acordo com o autor, conforme eles passaram a se estabelecer em pontos que julgavam melhor para caças e agricultura e as mulheres passaram a gerar os filhos, as tarefas também foram divididas para facilitar que elas pudessem cuidar das crianças desde ainda pequenas. Como também Simone de Beauvoir fala em seu livro *O Segundo Sexo* (2009, p. 82), embora em forma de crítica “quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíram sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência”.

O período de maior dominação da ideia de que a mulher pertencia à casa foi durante o século XIX. Com influência europeia, esse pensamento se espalhou pelas colônias na África e na Ásia. A Europa acreditava na fragilidade do sexo feminino, que deveriam cuidar somente do lar, onde poderiam as mulheres poderiam ser rainhas. Estudos chegaram a apontar que elas eram frágeis, com cérebros menores, o que determinava a inferioridade com relação ao homem dominante. É o que narra o livro *História das Relações de Gênero*:

Os homens eram em primeiro lugar trabalhadores e figuras públicas. As responsabilidades das mulheres eram prioritariamente domésticas - um velho tema, é claro, agora adornado com novas crenças sobre a fragilidade e bondade moral do “sexo mais frágil”. Arranjos que davam às mulheres demasiada liberdade, como trabalhadoras ou ativas sexualmente, podiam ser criticados a partir desses padrões, assim como arranjos que não creditavam qualidades morais e virtudes domésticas às mulheres. (STEARNS, 2018. p. 105)

Ainda de acordo com Stearns, as mudanças mais profundas na Europa e nos Estados Unidos começaram no início do século XX com as lutas feministas: “O feminismo organizado refletiu novas ideias avanço na educação de mulheres e também a percepção de que os direitos e o poder econômico dos homens estavam sobrepujando os das mulheres” (2018, p. 214). O autor destaca que o movimento recuou por um tempo até retornar com novas pautas para luta em 1960.

No século XX, as transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais foram ampliando, pouco a pouco, a participação e visibilidade da mulher na sociedade ocidental. Entretanto, estas mudanças não foram suficientes para extinguir um parecer sobre a identidade feminina cercado de regras sobre os modos de pensar, além de uma suposta fragilidade emocional. (D’INCAO apud SALES, 2017. p.4)

O comportamento das mulheres continuou sendo moldado mesmo com as lutas feministas e as mesmas pautas do século anterior ainda se faziam vigentes. Até grandes autoras, como Clarice Lispector, escreviam sob pseudônimos para revistas femininas.

O lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso. Muitas erram ao fazer de sua casa uma vitrina permanente, onde não há liberdade para o marido fumar o seu cachimbo, para o filhinho brincar. Essas, geralmente, fazem da vida do lar um inferno e quase sempre obrigam o marido a ir procurar conforto e bem-estar noutra lugar, quando não nos braços de outra mulher. (LISPECTOR apud SALES, 2006, p.45)

Para muitas mulheres, a emancipação trouxe uma jornada dupla e a dificuldade de conciliar o trabalho com as atividades domésticas. Muitas concluíram que o melhor para elas era cuidar da família. Christiane Collange em seu livro “Quero voltar para casa” escreve sobre as mulheres que trabalham e cuidam do lar. Ela comenta como essa escolha soa aos ouvidos das pessoas, mas principalmente das feministas que antes batalharam para que as mulheres pudessem sair das quatro paredes que as “prendiam” anteriormente.

Censuro às feministas terem erigido em modelo a mulher magra, ativa e dinâmica, por contraste com a dona de casa bobona e atoleimada. De ter feito crer às mulheres que, para serem de todas cidadãs, precisavam de um título eleitoral em dia, mas também um salário. Não é desvalorizar uma das missões humanas mais importantes e de que as mulheres têm o privilégio: dar a vida e tornar viável? [...] Acima de tudo, estou certa de que os filhos representaram o que houve de melhor em minha vida. (COLLANGE, 1985. p. 55 e 56)

A autora afirma que a volta para casa se dá por instinto, não só com o mundo do mercado de trabalho que pode decepcionar. Também escreve que mesmo os homens sabem o poder revigorante de voltar para casa, chefes cansados batem às portas de seu escritório e vão para casa. E por fim, ela pontua: “Essa é a segunda revolução feminista. Bem mais ambiciosa que a primeira em sua finalidade, embora incomparavelmente menos agressiva e provocadora em seus discursos”. (COLLANGE, 1985. p. 135)

Collange não se refere apenas não a saudades de ficar em casa que algumas mulheres sentem, mas ao fato de o feminismo ter excluído essa possibilidade. Como observa a psicóloga Cecília Russo Troiano em entrevista para o UOL: “Há uma espécie de patrulha social que considera a mãe em tempo integral ou a mulher que trabalha no lar uma alienada. Infelizmente, as pessoas ainda têm a visão estigmatizada e antiga da rainha do lar dos anos 60”. (NORONHA, 2012, S/P)

2.2. Podcast:

O podcast é um programa de áudio distribuído pela internet, ele tem a vantagem de ser disponibilizado “on demand”, ou seja, pode ser ouvido no momento em que o público quiser. Há a possibilidade de ouvir o programa online e offline. O podcast segue os gêneros do radiojornalismo: entrevista, debate, bate-papo, reportagem e documentário. O formato e o tema são escolhidos pelo produtor de acordo com o público que deseja atingir.

A expressão “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod (nome do mais popular tocador de mídia digital, fabricado pela empresa norte americana Apple Computer), com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio também pode ser chamado de radiodifusão. [...] Podemos, portanto, definir o podcasting como uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. E entendemos que o podcast é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos. (LUIZ; ASSIS, 2010)

A Associação Brasileira de Podcast (ABPod) realizou um levantamento de março a outubro de 2020 com produtores de podcast para mapear conteúdo, estado e outras informações relevantes. De acordo com a Podpesquisa (nome dado a esse mapeamento) no ano de 2019 eram 17,3 milhões de ouvintes de podcast no Brasil.

2.2.1. O Podcast Narrativo

Um dos formatos de podcast jornalísticos é o narrativo. Esses programas são totalmente roteirizados e buscam contar histórias reais.

Podcast narrativo é aquele que coloca a história no centro de tudo. E isso tem mais a ver com o formato e a técnica do que com o conteúdo. Diferentemente dos programas de mesa-redonda ou entrevista pingue-pongue, o podcast narrativo é inteiramente roteirizado — claro, os episódios incluem trechos de entrevistas e cenas captados sem roteiro prévio, com falas e ações espontâneas, mas a forma como esses trechos são costurados na história (geralmente pela voz de um narrador) é estruturada e planejada. Personagens, cenas e sequências de acontecimentos são construídos sobre um arco narrativo com começo, meio e fim (ou antes, durante e depois), como um filme de ficção ou um documentário. Cada minuto, cada trilha sonora e cada pedaço de fala (do narrador, dos entrevistados ou de áudios de arquivo) são pensados para transportar o ouvinte para outro lugar, para outro tempo, para dentro da história. (GUIMARÃES; AZOUBEL, 2020, S/P)

O podcaster Ivan Mizanzuk, produtor de Projeto Humanos, foi o pioneiro no Brasil da narrativa em áudio. No site do podcast, Mizanzuk explica a diferença dos programas que produz. Segundo ele, o podcast narrativo ao contar histórias reais em

ordem cronológica faz com que os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada. (MIZANZUK, 2012, S/P)

Para Gabriela Viana, apresentadora do podcast *Vozes: Histórias e Reflexões*, da Rádio CBN, “fazer podcast narrativo é voltar à principal função do jornalismo. É ter a possibilidade de contar as histórias de outras pessoas pelo ponto de vista delas”. (PIAÚÍ, 2019, S/P)

O Podcast narrativo de não-ficção conta uma história real observando a ordem cronológica dos acontecimentos. DETONI (2019) observa que esse formato tem a força das narrativas orais, que envolvem o ouvinte nas histórias do cotidiano. Segundo a autora, no audiojornalismo, as histórias reais são contadas para oferecer um compartilhamento de experiências e gerar empatia no público. O formato storytelling é adequado para as histórias que apresentam conflito e solução (superação), oferecendo ao público um aprendizado. Quando contados em ordem cronológica, esses acontecimentos surpreendentes ou conflituosos prendem a atenção e estimulam a curiosidade porque o público quer saber como o conflito se resolve. Essas histórias também fazem com que o ouvinte compreenda o mundo interior da pessoa que conta a história, seus sentimentos, suas razões. Há uma imersão transformadora para o ouvinte (DETONI, 2019).

De acordo com Bia Guimarães e Sarah Azoubel, as criadoras do podcast 37 Graus, é importante que as histórias tenham um arco narrativo.

O tema pode ser bom, mas precisa de uma história por trás. O arco narrativo é essencial. Quem são os personagens da pauta? De quem é a trajetória que será narrada? Você pode fazer ótimas entrevistas com especialistas sobre determinado assunto, mas é preciso contar uma história sobre isso. [O ritmo] Nem devagar e nem rápido. A ideia é que a pessoa não fique voltando para escutar de novo alguma parte do episódio. Um bom podcast é feito para se escutar uma vez só e sair com a história contada. Isso pode ser um desafio, por isso preste atenção nos ângulos de visão, cortes de entrevistas, velocidade em que a história está sendo contada. Muitas vezes saímos com mais de um roteiro por episódio, porque é um trabalho de afinar e repensar sempre. (SERRAPILHEIRA, 2020, S/P)

Paula Scarpin, diretora dos podcasts da revista Piauí, em entrevista para a Abraji diz que “os pontos mais importantes para um bom programa são a pré-produção, incluindo delimitar os assuntos, estudá-los, planejar as entrevistas, o formato e a duração” (OLIVEIRA, 2018). Ela considera que a pós produção, a edição do material, também é de extrema importância.

3. APRESENTAÇÃO DA PEÇA

A ideia inicial quando foi idealizado o trabalho era fazer um livro reportagem de perfis dedicando cada capítulo a uma mulher, e inspirado na obra de Talese. Porém com a pandemia a ideia passou por mais algumas transformações até chegar no podcast narrativo.

Por conta da ideia inicial já tinham sido feitas algumas entrevistas por telefone e gravadas por outro aparelho, mas com a mudança de produto houve a necessidade de escolher quem entraria no programa. Dentre as primeiras entrevistas foi definido o perfil: mulheres que saíram do mercado de trabalho e voltaram para casa por escolha própria.

Ana Paula foi a escolhida. As outras entrevistas, uma não entrava no perfil e a outra por ter filhos autistas, a necessidade de ela ficar em casa foi mais para ajudá-los do que de fato uma escolha por querer se dedicar a casa.

Então foi necessário procurar mais uma dona de casa. Ela já era alguém que eu conhecia da antiga igreja que eu frequentava e ela costuma fazer postagens no Instagram falando um pouco sobre ser dona de casa. Uma troca de mensagens pelo direct e ela aceitou ser entrevistada.

A professora e feminista foi um pouco mais difícil, demandou uma pesquisa no Google. Inicialmente tentei contato com uma ONG de jornalistas que discutem o feminismo, mas a agenda para o mês estava fechada.

Ao pesquisar por professoras universitárias encontrei a página da professora em uma universidade e falava de uma aula que ela havia dado sobre feminismo, mulheres e sociedade. O e-mail da professora estava na página e entrei em contato, uma semana trocando mensagens pelos e-mails e então acertei a entrevista pelo Whatsapp.

Feminino Verso é como foi nomeado o podcast, a ideia veio de uma mistura de feminino e universo já que a ideia do programa seria discutir temas que poderiam não ser tão discutidos a respeito de mulheres. O primeiro episódio foi nomeado de “Quero Voltar Para Casa” assim como no livro de Christiane Collange, uma das autoras usadas no referencial.

A ideia de nomear dessa forma foi por conta de ambas as donas de casa que foram entrevistadas terem por bastante tempo trabalhado fora e terem escolhido ficar em casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. E também por conta da

autora do livro apresentar argumentos explicando a vontade que muitas mulheres apresentavam de ficar em casa com as crianças, escolhendo voltar para casa.

As entrevistas foram realizadas pelo aplicativo de mensagem Whatsapp, as perguntas foram mandadas para as entrevistadas e elas responderam por meio de áudios que foram baixados, decupados e então selecionados trechos para compor o episódio.

A primeira entrevistada foi Ana Paula Franco Barbosa, 33 anos, dona de casa desde 2018 e mãe de três filhos. Ela trabalhou desde os 14 anos e se estabilizou em uma empresa onde trabalhou 10 anos antes de sair após ter o terceiro filho. Como o setor em que trabalhava estava em crise e ela sentia que estava pagando para trabalhar, além de perceber a necessidade dela e dos filhos de maior tempo juntos.

Lana, como é conhecida, tem 46 anos. Ela é bióloga de formação e por muitos anos deu aula de biologia e ciências. Também é mãe de três filhos, mas somente ao mudar de estado é que ela se tornou dona de casa. Por um tempo ela chegou a procurar escolas para trabalhar, mas por fim decidiu, junto do marido, ficar em casa.

A terceira entrevistada foi a professora Maria Mary Ferreira, ela é doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, tem muitas pesquisas e publicações a respeito de gênero, políticas públicas e política. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas/UFMA. Entrei em contato com ela por email e logo a entrevista pelo Whatsapp foi combinada.

Antes de cortar os áudios e montar o podcast. Foi primeiramente feito um roteiro planejando o podcast do início ao fim. A estrutura foi pensada mesclando as falas das entrevistadas junto de narração e trilha.

Primeiro foi apresentado o programa e o nome, depois abrindo com duas ilustrações sonoras. Em seguida uma pequena introdução ao tema que será discutido no podcast e duas sonoras, sendo elas dois trechos de falas das donas de casa entrevistadas. Depois mais um trecho de locução apresentando o que será discutido pela professora Mary, se voltar para casa deslegitima o movimento feminista.

A partir da locução vinda em seguida da fala da professora é introduzido as duas mulheres que terão suas histórias contadas e uma pequena trilha antes de deixar Ana Paula começar a contar sua história.

As falas dela selecionadas para o podcast foram as que enquanto eu decupava a entrevista me chamaram mais atenção, sobre como ela se sentiu a respeito das

finanças, de como era a criação dos filhos antes e o que ela sentiu que mudou. E também sobre preconceito, se ela já havia sofrido, o que ela respondeu como sendo mais um incômodo das outras pessoas por sua escolha do que de fato uma situação de preconceito.

Durante a entrevista anterior e a nova, foi interessante observar a mudança de algumas respostas, como a do que ela sentiu que mudou ao ficar em casa e sobre a criação dos filhos. Antes ela foi bem específica falando sobre todas as pequenas mudanças, como alimentação, a rotina, a necessidade de dar mais coisas para os filhos quando se estava em casa para suprir a falta da presença. Já na nova entrevista, em todas as questões ela foi bem específica a respeito de todas as questões, mais concisa.

As falas que foram selecionadas de Lana também foram as que mais me chamaram a atenção, minha favorita é quando ela fala um pouco de como foi ficar com o filho mais novo em que ela fala: “parecia que eu nunca tinha tido um filho e eu já tinha dois”. Lana também foi bem concisa em suas respostas.

Já com a professora Mary, foi como uma aula sobre feminismo, como ele atua agora e as principais questões que são discutidas nos grupos que ela faz parte. Suas respostas foram longas e muito explicativas, embora por vezes ela retomasse algo que já tinha falado. Talvez pelas perguntas também seguirem a linha de explorar os sentimentos do movimento feminista a respeito de donas de casa e de não ser uma questão que parecia ser discutida, o que acabei por descobrir que não é mesmo, por ser menos importante que outras pautas, para elas.

Acabei por selecionar os trechos que tivessem ligação direta para o que seria mostrado no episódio, ainda havia outras, mas na revisão do roteiro durante a orientação elas acabaram sendo cortadas por fugir do que estava sendo discutido.

Também foram usadas duas ilustrações sonoras, uma da feminista americana Camille Plagia e outra de um protesto feminista que aconteceu aqui no Brasil inspirado pelas chilenas que haviam feito anteriormente no país delas.

Para a primeira versão do podcast, a gravação dos áudios de locução foram feitas pelo whatsapp e então baixados no computador. Eu fiz a edição, mas o áudio ficou muito baixo e os cortes muito bruscos.

Em conversa com minha orientadora foi combinado a gravação na Universidade. Para a versão entregue como produto final, a gravação da locução foi feita no estúdio do quinto andar do CCL e editado pelo técnico Emerson Canoa.

Uma das trilhas foi pega no Legends From Heaven, um site que disponibiliza músicas instrumentais gratuitas para serem usadas em projetos. As outras foram selecionadas dentre aquelas que o Emerson tinha.

O logo do podcast que também é usado como imagem do episódio foi feito por mim pelo aplicativo PicsArt. As imagens de fundo, sendo elas: duas combinações de fotos do universo. Assim como a imagem do rosto feminino que estampa o logo, foram todas retiradas do Pixabay, são imagens de uso livre e gratuito. Os outros elementos, sendo eles: a página de calendário com o símbolo feminino e os planetas como balões, foram pegos no próprio aplicativo de edição, são stickers gratuitos.

O site do podcast foi montado no Wix. A base do site era um podcast de true crime que combinava as cores: rosa, branco e cinza. Parte do site original do site foi mantido, mas parte foi mudado.

As faixas foram mudadas para estéticas florais, ainda foi mantido o rosa, mas também acrescentado azul e roxo combinando com o logo do programa. A ideia de universo e até da montagem da própria imagem foi pelo nome do podcast que faz referência a ideia de universo feminino.

A página do episódio foi feita de forma automática pelo próprio Wix ao colocar o link do Feed RSS. E as informações foram retiradas daquelas fornecidas no próprio Anchor ao enviar o podcast.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Falar sobre podcast, ainda mais, podcast narrativo foi bem difícil, não por falta de entender do que se trata ou de ouvir mais programas do tipo. A dificuldade foi encontrar autores o suficiente para poder citar, foram horas de pesquisa para encontrar material, dentre artigos, entrevistas de podcasters e notas de aula.

Eu optei por este formato por ser mais próximo ao meu desejo inicial de fazer uma reportagem em estilo literário sobre as donas de casa.

Meu maior objetivo era mostrar a importância da mulher dona de casa, suas angústias, aspirações e também mostrar o que o feminismo pensa disso.

Dentre seus vários objetivos, o jornalismo também se trata de escolher uma história e contá-la. Eu escolhi deixar que essas mulheres contassem suas histórias e

eu fosse o fio condutor. A mulher dona de casa, ela é importante pois é o centro de seu lar, ela é quem cuida de cada detalhe da rotina do lugar onde vive e também dos filhos, mesmo agora na pandemia elas continuam diariamente cuidando de todos ao seu redor.

A escolha do podcast permitiu que não só eu contasse essa história, mas que elas também contassem as próprias histórias, se apresentassem e mostrassem suas vidas, fazendo com que outras pessoas também pudessem se identificar com elas.

Ser dona de casa também é optar por um trabalho, apenas diferente. Em determinado momento, Lana diz que sempre desejou ficar em casa com os filhos sem fazer nada, mas que quando assumiu a casa percebeu que não ficava sem fazer nada, sempre tinha alguma coisa para fazer.

O podcast narrativo permite que se conte uma história, e permite também uma pessoa contar por ela mesma os fatos. O locutor, meu papel, entra como condutor e narrador permitindo que a narrativa se forme.

No início, cheguei a pensar se 20 minutos não seria pouco tempo, mas conforme eu fiz as entrevistas e comecei a montar o roteiro, percebi que, na verdade, é difícil você preencher o tempo com qualidade e saber dosar entre locução e sonora.

E também percebi o quão difícil é gravar um podcast em casa. O áudio precisa ter só a voz, sem barulhos ou interferência. E eu moro no cruzamento entre duas avenidas, então aqui o barulho é constante, foi necessário gravar durante a madrugada, o horário mais silencioso aqui.

Esse trabalho me ofereceu a oportunidade de fazer algo que eu amo, contar histórias e também me tirou da minha zona de conforto, pois edição de áudio e/ou vídeo nunca foi meu ponto forte, sempre contei com ajuda de terceiros, geralmente colegas dos grupos que eu estava.

Também tive a oportunidade de aprender mais sobre podcast narrativo e ouvir alguns que eu ainda não conhecia (colocar nomes dos ouvidos), já que na época em que foi apresentado durante áudio jornalismo, eu só ouvi uma parte do que havia sido comentado em aulas. E descobri também gostei muito de poder ter a chance de contar essas histórias de uma maneira diferente, por meio de áudio e dessa modalidade que está crescendo no Brasil.

O Feminino Verso, embora tenha sido um trabalho acadêmico, oferece também a oportunidade para que ele seja continuado fora do ambiente universitário. Os temas que ele possibilita discutir são muitos e que têm relevância dentro de seu público-alvo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABPOD. **Podpesquisa Produtor 2020-2021**. 2020. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 01 mar. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-segundo-sexo-simone-de-beauvoir-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8212**, de 24 de julho de 1991. Lei Orgânica da Seguridade Social. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8212cons.htm>. Acesso em: 25 mai. 2021.

BUSCASTO, Marcela. **“O feminismo não é honesto com as mulheres” Camille Paglia**. Disponível em: <http://site.cnpf.org.br/noticias/familia/qo-feminismo-nao-e-honesto-com-as-mulheresq-camille-paglia/>. Acesso em: 28 out. 2020.

GUIMARÃES, Bia; AZOUBEL, Sarah. **O que é um podcast narrativo?: a história no centro de tudo**. A história no centro de tudo. 2020. Disponível em: <https://cochicho.org/o-que-e-podcast-narrativo/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

COLLANGE, Christiane. **Quero voltar pra casa**. 3. ed. Santa Maria - RS: Tchê!, 1985. 136 p.

DETONI, M. (2019). **A volta do narrador**. Portal Intercom. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1451-1.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2021.

FAHS, Ana C. Salvatti. **Movimento feminista: história no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-feminista/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MIZANZUK, Ivan. **Projeto Humanos: Histórias reais sobre pessoas reais**. Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/sobre/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Papers**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

NORONHA, Heloísa. **Ao abrirem mão da carreira para serem donas de casa, mulheres sofrem preconceito**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2012/10/30/ao-abrirem-mao-da-carreira-para-serem-donas-de-casa-mulheres-sofrem-preconceito.htm>. Acesso em: 28 out. 2020.

OLIVEIRA, Rafael. **Pauta e narrativa envolvente são fundamentais para fazer podcasts**. 2018. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/help-desk/pauta-e-narrativa-envolvente-sao-fundamentais-para-fazer-podcasts>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PIAUI (org.). **Os desafios e a rotina de contar histórias em podcast** . 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/os-desafios-e-pratica-de-contar-historias-em-podcast/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SALES, Ligia de Oliveira. **Bela, recatada e do lar? A construção da imagem da dona de casa na era do Instagram a partir de um estudo de caso do perfil @respiramulher**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2017. 15 p. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1870-1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

SERRAPILHEIRA, Camp. **37 Graus: Bia Guimarães e Sarah Azoubel contam como unir ciência e boas narrativas**. 2020. Disponível em: <https://serrapilheira.org/ciencia-e-boas-historias-produtoras-do-37-graus-dao-dicas-para-novos-podcasts/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

STEARNS, Peter N.. **História das Relações de Gênero**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. 250 p.

7. APÊNDICE:

Apêndice I – Autorizações de uso de áudio



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, MARIA IRLANE DAMASCENO BEZERRA CHAGAS, portador do RG Nº 27.761.083-7 e CPF Nº 140.661.828-44, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 26 de maio de 2021 .

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice II – Autorizações de uso de áudio



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO
<p>Eu, MARIA MARY FERRERIA, portadora do RG N° 241.586-SSPMA e CPF N° 103381953-00, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.</p> <p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p> <p style="text-align: right;">São Paulo, 27 de maio de 2021 .</p> <div style="text-align: center;">  </div> <hr style="width: 20%; margin: auto;"/> <p style="text-align: center;">Cedente</p> <hr style="width: 20%; margin: auto;"/> <p style="text-align: center;">Pai ou responsável (se for o caso)</p> <p>Testemunhas:</p> <hr style="width: 20%; margin-left: 0;"/> <hr style="width: 20%; margin-left: 0;"/>

Apêndice III – Autorizações de uso de áudio



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, ANA PAULA FRANCO BARBOSA

_____, portador do RG N°

436619568 e CPF N°

36709037800, autorizo, prévia e expressamente, o uso de

minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 28 de maio de 2021.

Ana Paula Franco Barbosa
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:
